

José Cardoso Pires: cotação no Brasil

«O Delfim é o estilo de um grande mestre — o maior que nos vem de Portugal, cronologicamente, depois de Eça de Queirós e Fernando Pessoa» escreve o colunista literário do magazine Veja, no número de 1 de Setembro agora distribuído em Portugal. O acolhimento excepcional que o conhecido romance de José Cardoso Pires teve nos meios literários brasileiros, aparece agora sublinhado como sucesso de venda, conforme notícias recentes do movimento editorial do país irmão.

Assim, O Estado de São Paulo de 28 do mês passado, coloca-o em primeiro lugar da lista dos estrangeiros «Mais Vendidos» no Estado do Recife, à frente de Love Story, e em 5.º lugar na selecção paulista. Na semana anterior O Delfim cotava-se em 3.º lugar (a seguir a Mário Puzo e a «Love Story») na reputada coluna estatística de Luiz Carlos Lisboa.

A surpresa que este contacto com a literatura portuguesa actual representou na vida cultural do Brasil veio traduzir-se num súbito interesse pelos nossos autores por parte das casas editoriais do Rio e de São Paulo. Nesta última cidade a Editora Verbo anuncia uma colecção de novelistas portugueses, ao mesmo tempo que uma editora do Rio, associada à Livraria Moraes, de Lisboa, desenvolve os seus contactos numa iniciativa paralela. Também a Livraria Bertrand se propõe lançar alguns dos seus editados através da Difusão Europeia do Livro.

Entretanto Enio da Silveira, editor no Brasil da obra de Cardoso Pires (Civilização Brasileira) anunciou o lançamento simultâneo do novo original do romancista,

Em
do
osco
ortu-
a for-
za en-
herdei-
lísticas
empe seu

... de Her-
nival ("So-
a mente do
a do beatnik
e Miller e
e a obra de
o não de-
otismo atual
nem falta de
imaga-
na que, como
tu, "mas
o eminou Einstein",
a muito mais livre que
ser futurologo ("mas
do quanto o Herman
avidia" da queda de barre-
iros ainda nesta geração,
dos da censura ("mas
talmente aprenderá a viver,
que nem coações, realizando-se
do mais humano e mais cabal do



Cardoso Pires: quatro anos de atraso

estilo e tempo

"O Delfim", José Cardoso Pires, Editora Civilização Brasileira, 183 páginas; Cr\$ 10,00.

Maço, cabelos negros, esbelto e com aspecto de toureiro espanhol, José Cardoso Pires, 45 anos, é ex-leitor de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres, grande admirador de Faulstich na literatura e no cinema de Antonioni e Godard, diretores a quem gostaria de confiar a filmagem de seus romances. Quer viver agora só do que escreve, nos arredores de Lisboa, na terra da Arrábida desbravada sobre o Tejo.

Quatro anos depois de ser traduzido da Inglaterra à Hungria, da Checoslováquia à Itália, França e Romênia, seu estilo sensível e complexo. Para ele, o Rio de Janeiro, "embora seja tão atlântico quanto Lisboa e Cidade do Cabo, é a única cidade a me dar a sensação de estar dentro de um navio, com sua palidez sombria, que se prolonga sem interferir no clima de amabilidade e de alegria espontânea que a tornam, a meu ver, tão singular".

Clássico, solene — "O Delfim", "produto da insônia", mistura as técnicas mais usadas da literatura contemporânea. Prescinde intencionalmente de um entêdo, como o "nouveau roman" paris-

ense. Utiliza recortes do cotidiano, como o argentino Manuel Puig, para iluminar a ficção. E cria uma literatura tão viva e palpante quanto a de um Calvino na Itália ou de um Juan Rulfo no México.

Misto de policial sobre um suposto crime que não se sabe se houve realmente, "O Delfim" incursiona especulativamente pela realidade portuguesa atual, com aldeias evangelizadas de seus homens emigrados na França, na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, nas chitas de juke-boxes e bicicletas que contrastam com igrejas manuelinas. E sobretudo uma inquietação meditação sobre o tempo e a história, entidades indóveis em Portugal. A estagnação no tempo corresponde a estagnação cultural: mas a palavra, como análise dessa situação, não se aliena numa torre de marfim existencial. Ao contrário, perscruta, indaga, comenta sub-reptivelmente, por um fio de algortina e nas entrelinhas. Mas o empenho político-social não empana a lucidez do diagnóstico nem a maravilhosa arquitetura do estilo.

Elegante, clássico, solene, sempre elevado, sem pedantismo, mas impregnado de uma realidade no tempo e espaço, trágica, melancólica e grotesca, é o estilo de um grande mestre — o maior que nos vem de Portugal, cronologicamente, depois de Fernando Pessoa e Eça de Queirós. No pólo oposto ao de Soljenitzin, Cardoso Pires manha com ele o privilégio da criação de uma linguagem admirável, concisa, penetrante, intelectual, capaz de refletir a inquietação de uma mente contemporânea e aguçada ao pesquisar, entre inúmeros outros tributários, os dois motivos-chave de "O Delfim": o da passagem efêmera do homem sobre a terra e o da cristalização de um passado que amoldava o novo, o vivo e o saudável.

DATAS

Emposado: na cidade
ma Brasileira de Letras
tico e diplomata. Antor
dutor de "Ulisses", de J
siderado um desafio à
das as linguas; dia
Janeiro.

Indicador para ce
te dos Estados Uni
1972, o secretário d
la americano, Coe P
em Nova York, c
realista a respeito d
somos (lentes de
vo é o de influê
massas".

Premiado: com
do VII Festival Ci
cou, o filme br
arguamento de C
com Paulo Pôrto
Procópio Ferrei
Rocha e Izacer
em Moscou, pe
medalha de
União Soviét

Condensado
ca de 250 e
rias por Jac
dade, Robert
segundo fil
bert Renou
titul de B
Cassette, e
um sonnet
mandara
cionada
vimento

Conv
endimã
nos Pa
te de J
Algre
1949)
mas
mais a
na
"Mê

Nace
filha da
diretor a
Revolução
hospital de

Expulso:
americano Ju
dith Malina
e Living Theat
Mina acusada
dia 27, por et
República.

1/9/71

Pires: acolhimento excepcional no Brasil

Dinosauro Excelentíssimo, título que pela primeira vez chega ao conhecimento do nosso público. Como nota final, transcrevemos uma intrigante interpretação do marxialismo que aparece no número 4 da revista Senhor, agora em nova fase de publicação: «Em Portugal não existe o que nós chamamos de machismo. Ou, melhor, existe, e muito, só que eles lhe chamam de marialva. Leia-se a propósito o excelente estudo sobre o marxialismo, assinado por José Cardoso Pires. Chama-se Cartilha do Marialva».